

---

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”**  
**Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda**

**Laura Viola Albade**

**A INVISIBILIDADE E DESVALORIZAÇÃO DO BORDADO NA ARTE**

**AMERICANA, SP**

**2022**

**LAURA VIOLA ALBADE**

**A INVISIBILIDADE E DESVALORIZAÇÃO DO BORDADO NA ARTE**

**Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/Americana.**

**Área de concentração: Artesanato**

**Orientador: Prof. M<sup>a</sup>. Maria Adelina Pereira**

**AMERICANA, SP**

**2022**

LAURA VIOLA ALBADE

A INVISIBILIDADE E DESVALORIZAÇÃO DO BORDADO NA ARTE

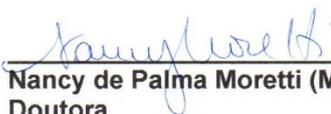
Trabalho de graduação apresentado  
como exigência parcial para obtenção  
do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda  
pelo CEETEPS/Faculdade de  
Tecnologia – FATEC/ Americana.

Americana, 07 de dezembro de 2022

Banca examinadora:



**Maria Adelina Pereira (Presidente)**  
**Mestre**  
**Faculdade de Tecnologia de Americana, SP**



**Nancy de Palma Moretti (Membro)**  
**Doutora**  
**Faculdade de Tecnologia de Americana, SP**



**Maricê Léo Balducci (Membro)**  
**Mestre**  
**Faculdade de Tecnologia de Americana, SP**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradecer a Deus por tudo, por sempre me ajudar a passar por todas as fases e momentos da vida.

Agradeço aos meus pais por sempre me apoiarem e me incentivarem a seguir meus sonhos.

A minha família que sempre esteve torcendo por minhas conquistas.

A minha orientadora Professora Adelina, por aceitar o convite e embarcar comigo na aventura do bordado.

As minhas colegas de turma, pela amizade e por sempre me ajudar quando precisei.

Aos professores pelos ensinamentos e conversas que contribuíram para a minha formação.

## RESUMO

Este trabalho buscará analisar sobre como o bordado ainda é desvalorizado e invisível aos olhos da sociedade, sendo associado como uma habilidade somente feminina. As técnicas artesanais sempre estiveram presentes na história, principalmente no vestuário, sendo muito importante no desenvolvimento da costura artística. Porém, devido à relação com os trabalhos manuais femininos, o artesanato e em particular o bordado, é considerado arte menor na academia. Desta forma, aborda-se o surgimento do bordado desde a Pré-História e sua evolução até os dias atuais, onde o bordado passa a ser uma prática artística de muita importância nos movimentos feministas, reivindicando seu lugar na história da arte, se tornando um dos caminhos para a emancipação feminina nas artes e sendo uma forma de local de fala, reconhecimento e liberdade, lutando contra a invisibilidade social. Sendo assim, observa-se que o bordado se recria de acordo com os estilos de cada época, mesmo passando pelo processo de desvalorização, continua presente na sociedade.

Palavras-chave: Bordado; Artesanato; Desvalorização.

## **ABSTRACT**

This work will seek to analyze how embroidery is still devalued and invisible in the eyes of society, being associated as an only feminine skill. Artisanal techniques have always been present in history, especially in clothing, being very important in the development of artistic stitching. However, due to the relationship with women's handwork, craftsmanship and in particular embroidery, it is considered minor art in academia. Thus, it approaches the emergence of embroidery from Prehistory and its evolution to the present day, where embroidery becomes an artistic practice of great importance in feminist movements, claiming its place in art history, becoming one of the paths to female emancipation in the arts and being a form of place of speech, recognition and freedom, fighting social invisibility. Thus, it is perceived that embroidery is recreated according to the styles of each epoch, even going through the process of devaluation, it is still present in society.

Keywords: Embroidery; Handicrafts; Devaluation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O combate por um castelo - Fragmento da Tapeçaria de Bayeux.....	13
Figura 2 - Ponto Cruz .....	27
Figura 3 - Bordado em Stumpwork do século XVII - Casa Fenton .....	27
Figura 4 - Bordado em Blackwork (detalhe) .....	28
Figura 5 - Bordado em Tela.....	29
Figura 6 - Bordado em Lã Crewel .....	30
Figura 7 - Bordado Hardanger.....	31
Figura 8 - Técnica de Bordado Lunéville .....	32
Figura 9 - Bordado Livre - Van Gogh .....	33
Figura 10 - Bordado das Arpilleras feito na década de 70 .....	33
Figura 11 - Bordado feito à máquina .....	34
Figura 12 - Bordado de Bujari .....	35
Figura 13 - Bordado Rendedê .....	35
Figura 14 - Bordado Filé.....	36
Figura 15 - Bordado Seridoense .....	37
Figura 16 - Bordado de Passira.....	37
Figura 17 - Bordado Richelieu .....	38
Figura 18 - Manto de Maracatu bordado .....	39
Figura 19 - Embornais de couro bordado .....	40
Figura 20 - Vestimenta bordada usada pelos cavaleiros.....	40
Figura 21 - Participante da dança usando um chapéu bordado.....	41
Figura 22 - Bordado Madeira.....	42
Figura 23 - Traje em bordado ucraniano .....	43
Figura 24 - Bordado Crivo .....	43
Figura 25 - Mapa do Brasil com bordados presentes nas Regiões Brasileiras .....	44

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 SURGIMENTO DO BORDADO</b> .....	12
<b>2.1 O Bordado No Brasil</b> .....	14
<b>3 A FEMINILIDADE E O ENSINO DO BORDADO</b> .....	16
<b>3.1 A Educação Feminina</b> .....	17
<b>3.2 O Bordado como Estereótipo da Feminilidade</b> .....	19
<b>4 O ARTESANATO COMO FERRAMENTA ARTÍSTICA</b> .....	21
<b>4.1 Definição de Artesanato</b> .....	21
<b>4.2 A Arte como Criação Artesanal</b> .....	22
<b>4.3 O Artesanato Brasileiro</b> .....	24
<b>5 TÉCNICAS DE BORDADO</b> .....	26
<b>5.1 Ponto Cruz</b> .....	26
<b>5.2 Stumpwork</b> .....	27
<b>5.3 Blackwork</b> .....	28
<b>5.4 Bordado em Tela</b> .....	29
<b>5.5 Bordado em Lã Crewel</b> .....	30
<b>5.6 Hardanger</b> .....	30
<b>5.7 Bordado de Lunéville</b> .....	31
<b>5.8 Bordado Livre</b> .....	32
<b>5.9 Arpilleras</b> .....	33
<b>5.10 Bordado à Máquina</b> .....	34
<b>5.11 Bordados Presentes nas Regiões Brasileiras</b> .....	34
5.11.1 Bordado do Bujari .....	34
5.11.2 Bordado Rendedê, Rendendepe, Hardanger ou Renda de Dedo .....	35
5.11.3 Bordado Filé ou Renda .....	36
5.11.4 Bordado Seridoense, Bordado de Caicó ou Bordado de Seridó .....	36
5.11.5 Bordado de Passira .....	37
5.11.7 Bordado Richelieu .....	38
5.11.8 Bordado Gola de Caboclo .....	38
5.11.9 Bordado do cangaço .....	39
5.11.10 Bordado da Cavahada .....	40
5.11.11 Bordado da Dança dos Mascarados .....	41

5.11.12 Bordado Madeira .....	41
5.11.13 Bordado Ucraniano .....	42
5.11.14 Bordado ou Renda Labirinto, Crivo .....	43
<b>6 O BORDADO COMO PORTA-VOZ FEMININO .....</b>	<b>45</b>
<b>6.1 O Bordado Como Fonte De Renda .....</b>	<b>46</b>
<b>6.2 Movimentos Retratados Através dos Bordados .....</b>	<b>48</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende abordar e refletir sobre a invisibilidade e a desvalorização do bordado dentro da arte. Analisa-se seu contexto histórico, desde seu surgimento até sua relação com os movimentos feministas e suas decorrentes mudanças na criação artística.

Partindo do tema da dissertação “A invisibilidade e desvalorização do bordado na arte”, e levando em consideração o contexto histórico do bordado na história da moda e da arte, chegou-se ao seguinte problema da pesquisa: “De que forma o bordado influencia na valorização do artesanato como expressão cultural e artística?”.

O bordado é uma arte profundamente humana e cultural que remanesceu aos séculos, e por fatores históricos sempre foi associado ao gênero feminino. Relacionado ao artesanato, que para a sociedade brasileira ainda é desvalorizado, o bordado passa a não ser reconhecido no país.

Segundo Borges (2011), o Brasil possui uma visão diferente dos países onde possui a tradição do artesanato. O bordado no Brasil foi influenciado pelo modo de vida europeu, onde o bordado era símbolo de feminilidade representado pelo ensino das artes manuais, da linguagem culta e da forma como as mulheres deveriam se portarem.

Desta maneira, a dissertação tem como objetivo explorar a história do bordado e investigar os fatores que ainda tornam o bordado uma arte inferiorizada e desvalorizada. Desde seu surgimento, o ato de bordar passa a ser uma atividade feita somente em ambiente doméstico além de ser introduzido como método doutrinador para os primeiros grupos de meninas brasileiras a estudarem em um ambiente escolar formal.

Tem como justificativa ampliar o olhar sobre o bordado, e de como ele pode destacar na arte do artesanato e se fortalecer como local de fala da mulher. O bordado ocupa um lugar dentro das artes, e um de seus propósitos é estimular um novo conceito sobre o artesanato, no que se refere os aspectos formais, de gênero, sociais e iconográficos. Durante seu percurso, a história do bordado esteve ligada à história da moda, atualmente, o bordado se institui artisticamente como seu próprio suporte.

Ele torna a apropriar-se de seu reconhecimento como arte, institivamente, tece uma manifestação sobre identidade e resistência.

Este projeto de trabalho de conclusão de curso consistirá em pesquisa de natureza básica, tendo como abordagem a pesquisa qualitativa. Quanto ao procedimento técnico pode-se considerar que se trata de uma pesquisa bibliográfica e exploratória. De acordo Sakamoto e Silveira (2014 apud MUCCILO, 2022), a pesquisa exploratória consiste em definir os objetivos e adquirir mais informações sobre o tema, proporcionando uma maior familiaridade com ele.

## 2 SURGIMENTO DO BORDADO

Pesquisas realizadas apontam que o bordado é uma das artes mais antigas, surgindo logo após a descoberta da agulha no período da Pré-História, onde era usado como meio de junção de duas partes de pele. Foram encontrados indícios de bordado sendo aplicado como costura, no qual as junções das partes de pele eram executadas com o ponto cruz, no entanto, é considerado o ponto mais tradicional do bordado, utilizado tanto para a junção de partes quanto para adornar.

Na antiguidade, o bordado deixou de ser uma costura com função de união, e passou a ser apenas para ornamentação. As antigas civilizações que viviam nas margens do rio Eufrates, passaram a desenvolver a arte do bordado.

O bordado foi evoluindo conforme as mudanças e as necessidades da humanidade, e passou a ser considerado como um adorno admirado e valorizado por muitos povos.

A tradição da arte de bordar passou por diferentes povos, como na Grécia antiga, em que se observa que as túnicas usadas eram bordadas e logo na Roma, onde as vestes romanas eram comparadas a pintura por suas qualidades. Povos do Egito, China, Índia e Pérsia também possuíam a arte de bordar como tradição. Em algumas passagens da Bíblia é possível encontrar passagens que retratam a arte do bordado.

Como o bordado passou a ser um adorno nas vestimentas, ele recebeu definições simbólicas. Esses símbolos consistiam em crenças pagãs, além de que, eram os imperadores que ditavam quem poderia usar vestimentas bordadas e quais seriam seus desenhos, de acordo com cada classe social. Segundo Lipovetsky (1989, p. 50) “os trajes mudam em função das preferências dos poderosos; tendem a simbolizar uma personalidade, um estado de espírito, um sentimento individual.”

Na Idade Média, o bordado tornou a ser uma técnica comum no ocidente, onde estabeleceu um vínculo com a Igreja Católica, ou seja, passou de remeter ao paganismo para ser utilizado como símbolo de religião e fé, e para ornamentação nas vestimentas dos sacerdotes. Devido a participação das Cruzadas, o bordado se desenvolveu através de símbolos adaptados ao clero, e sob outro enfoque, foi sendo

aplicado em vestimentas comuns do dia a dia, com o objetivo de adornar, porém levando em conta a posição de classes, sendo usado como indicador e separador social.

Com o desenvolvimento do bordado litúrgico, foram criadas oficinas de bordadeiras em todo continente europeu, com isso, o bordado passa a ser uma atividade feita pela maioria mulheres, não excluindo a produção masculina pois, ser um bordador na Idade Média, era ter uma carreira rígida, onde segundo Silva (2006 apud SILVA, 2021) iniciava como aprendiz até então ser mestre, no final era realizado um exigente exame do ofício.

“No entanto, não podemos afirmar que esta actividade era exclusivamente feminina porque existiam homens em Lisboa, no século XVI, capacitados para bordar ou “broslar”. Este ofício exigia perícia e determinadas aptidões para ser efectuado, de tal modo que, por vezes, era necessário obterem um diploma. Tinham de prestar provas tais como realizar debuxo e fazer um bordado imaginário onde constava um rosto bordado a seda.” (SILVA, 2012 apud SOUSA, 2012).

O bordado mais conhecido feito ao longo da Idade Média é a tapeçaria de *Bayeux*, bordado no século XI, onde contém desenhos bordados que narram o conflito e a disputa relacionado ao trono inglês. “Pela extensão do trabalho, estima-se que foram necessárias várias mãos para a costura, possivelmente uma oficina de monjas bordadeiras, seja do sul da Inglaterra ou do noroeste da França” (GRAPE, 1994 apud REIS; ZIERER; FERRARESE, 2015).

Figura 1 - O combate por um castelo - Fragmento da Tapeçaria de *Bayeux*



Fonte: COSTA; STEIN.

No século XIII, a técnica do bordado passou a ter mais visibilidade devido ao início da importação e a invenção da agulha de aço. Logo após, no período do

Renascimento, o bordado era considerado como “um símbolo de riqueza, poder e referência de classe social para quem os usava” (FERNANDES, 2012 apud SILVA, 2021).

Para Silva (2006) e Durand (2006), até o início da Idade Moderna, o bordado feito pelos homens era simbolicamente e economicamente valorizado (SILVA, 2021). Tinha como objetivo adornar as vestimentas religiosas e da alta sociedade. As mulheres das classes altas tinham que realizar a atividade de bordar como prova de moralidade, porém os bordados realizados por elas não participavam do plano econômico, e eram destinados somente às decorações domiciliares.

## **2.1 O Bordado No Brasil**

Nas Américas, a produção têxtil era desenvolvida por diferentes povos, e teve como resultado diversos produtos.

A riqueza, a amplitude das técnicas, os elementos decorativos, a vastidão de pontos e técnicas das artes têxteis pré-colombianas (inclusive a vasta arte plumária do Cerrado e da Amazônia, como a Mundurukaia antiga região da etnia Mundurukú entre os Rios Tapajós e Madeira, como grandes extensões territoriais no Brasil) desencorajam, ou pelo menos deveria desencorajar, qualquer generalização do tipo que insere estas artes como parte de um saber-fazer “importado” pelo colonizador, mecanismo este, parte do colonizar e de colocar seu saber frente aos saberes autóctones e estes como inexistentes ou inferiores. (QUEIROZ, 2011 apud SOUZA, 2012).

A colonização nas Américas por povos europeus, fez com que as artes americanas sofressem uma forte influência da tradição europeia que foi imposta pelos colonizadores. No Brasil, o bordado e outras artes têxteis foram inseridos pelos colonizadores portugueses que tinham como intenção diminuir a cultura local, e aumentar a dominação da cultura europeia (QUEIROZ, 2011 apud SOUSA, 2012).

Segundo Sousa (2012), não há muitos registros de como a história da prática do bordado se desenvolveu no Brasil. Mas, como diferentes culturas compõem o país, pode-se observar que os trabalhos manuais que foi herdado dos europeus já existiam antes deles chegarem ao território brasileiro.

O bordado mais antigo encontrado até os dias de hoje, está localizado na América do Sul (BLANCA, 2014).

É um tapete que foi encontrado no Cemitério de Chinchorro, em norte do Chile. E pode ser datado entre 5.400 e 3.700 a.p. O tapete de plantas foi bordado com fibra camilídeo e cabelo humano baseado em desenhos geométricos e faz parte do traje mortuário de indivíduos encontrados no referido cemitério. (STANDEN, 2003 apud BLANCA, 2014, p. 22, tradução nossa).

Com isso, observa-se que antes do colonialismo os povos indígenas da América Latina já executavam e utilizavam produtos têxteis. Porém, percebe-se que o bordado e outras artes que já estavam presentes no território, foram invisibilizadas pelas técnicas que vieram da Europa.

O bordado apresentado pelos portugueses ao Brasil, continha padrões que além de Portugal, vieram da Espanha, França e Bélgica (SILVA, 1995 apud PEREIRA; TRINCHÃO, 2020). Através da exploração e conquista de territórios, os europeus espalharam técnicas europeias pelo mundo afora, principalmente atividades feitas com agulha.

Com a criação da imprensa, surge os primeiros livros de riscos e modelos de bordado (SILVA, 1995).

A primeira obra que se tem conhecimento foi a de Pierre de Quinty, publicada em 1527 e intitulada “Livre nouveau et subtil touchant l’art et science, tant de brouderie, froissures, tapisseries comme autres métiers que fait à l’aiguille” (Brieuves, 1908) [...] com edições em várias línguas, os livros de bordado chegaram até os nossos dias, com nomes que denotavam esse ideal feminino transposto para os títulos sugestivos de “Coroa dos Nobres”, “Virtuosas Senhoras” e “Alegria das Cores”. (SILVA, 1995).

A propagação das técnicas de bordado, possibilitou a popularização do uso dessas técnicas, condizendo com o gosto da burguesia, tornando o bordado um item decorativo disponível para todas as classes sociais.

### 3 A FEMINILIDADE E O ENSINO DO BORDADO

Com a chegada dos europeus ao território brasileiro, as artes têxteis manuais que eram praticadas pelos nativos, foram desvalorizadas e menosprezadas pelos portugueses, e foram encarregadas aos povos indígenas e aos negros escravizados.

O apagamento da cultura dos povos originários e africanos, e a difusão das artes europeias por ordens religiosas, que tiveram papel fundamental no projeto educacional e civilizatório das Américas. Jesuítas, beneditinos, franciscanos e carmelitas foram responsáveis por, nos primeiros séculos de colonização, organizarem reduções, igrejas, escolas, conventos e mosteiros. Todos construídos com intelectualidade e projeção europeia, mas materiais locais e mão de obra indígena e escravizada. (URDUME, 2021, p. 12).

Nas tradições vindas da Europa, o bordado era uma atividade restrita à privacidade, ou seja, era praticado pelas mulheres ricas ou nos conventos, e mesmo assim, era um dos poucos momentos em que a mulher se reunia com outras mulheres e expressavam suas emoções no bordado. O ensino do bordado se baseava no espaço familiar, onde as mães ensinavam para suas filhas e pela Igreja Católica, que era responsável pelo ensino formal e acrescentou o bordado no currículo, onde era ensinado dentro dos conventos para as filhas da nobreza, além do ensino de afazeres domésticos (SILVA apud SOUSA, 2012).

Essas tradições surgiram no início do século XVIII no Brasil, pois não havia muitas mulheres brancas na colônia, e caso elas ficassem solteiras, tornando-se religiosas, não iriam cumprir o papel de reprodutoras biológicas, atrapalhando o plano de embranquecimento da Coroa portuguesa (URDUME, 2021, p. 14).

No período Brasil colônia, o bordado era ensinado em instituições denominadas de Recolhimentos, que eram lugares em que meninas órfãs, viúvas e esposas que tinham maridos ausentes eram acolhidas, tendo como intenção a educação dessas mulheres e resguardo da sua integridade sexual (SOUSA, 2012). Visto que, Portugal possuía uma política contra a fundação de conventos na colônia com a desculpa de que essa instituição prejudicaria o povoamento.

### 3.1 A Educação Feminina

No final do século XVIII, o que era ambientes somente para reclusão feminina, se tornou congregações capazes de responder às necessidades da sociedade eurocêntrica. Assim, as entidades religiosas se passaram a ter a responsabilidade de formarem os homens para a moralidade social e civilismo republicano e para política, enquanto algumas instituições se dedicavam a educação feminina, no qual as mulheres eram formadas para serem boas esposas e mães, em que o ensino do bordado era inserido na formação.

De acordo com Durand (2006 apud SILVA, 2021), o processo de feminização dos trabalhos feitos com agulha começou entre os séculos XVI e XVIII, quando esta atividade foi considerada como afirmação de uma suposta natureza feminina, com a finalidade de manter as mulheres em um determinado papel social, limitando-as somente a este papel. Esperava-se que as mulheres aprendessem a bordar desde novas, para que elas pudessem desenvolver seus enxovais de casamento, como forma de afirmação que estavam prontas para a vida adulta (SILVA, 2021).

O bordado surgia desta forma como ocupação de sinhás, que estavam solitárias em suas casas, submetidas pela autoridade do senhor, proibidas de participar de outras atividades que fossem menos femininas, cuidando do enxoval para o casamento precoce no qual seus pais faziam acordos para se casarem (FREYRE, 1985 apud SILVA, 2021). Essas maneiras reforçou a posição de submissão em que a mulher se encontrava.

Dentro deste ambiente adepto a uma educação fechada, o bordado se desenvolveu como uma atividade exclusivamente desempenhada pela mulher, era conhecido como atividades de prendas domésticas, se contrapondo às atividades masculinas, descritas como de maiores responsabilidades, como administrar as propriedades e prover alimentos para a família.

No século XIX, as instituições religiosas ainda ministravam a prática do bordado para a educação da mulher, preparando-a para assumir a sua posição de mãe e esposa preñada.

Não era somente no Brasil que o bordado era uma ferramenta de ensino para a formação das mulheres, havia outras instituições de ensino que possuíam aulas de bordado em seus lugares educativos. Na Colômbia, referindo-se à cidade de Cartago, o ensino do bordado para as mulheres de classes privilegiadas começou no século XIX, em colégios religiosos e foi se inserindo no ambiente doméstico, passando de geração de mulheres para outras (PÉREZ-BUSTOS; GUTIÉRREZ, 2015 apud PEREIRA; TRINCHÃO, 2020).

Conforme Parker (1996 apud PEREIRA; TRINCHÃO, 2020), que se refere ao exemplo da escola para garotas em Lambeth, Londres, em que no ano de 1713, o currículo da escola era composto por “leitura, escrita, tecelagem, tricô, costura e marcações (mostruários de letras)” (PARKER, 1996 apud PEREIRA; TRINCHÃO, 2020). Isto significa que, o ensino do bordado manual para as meninas que frequentavam a escola não surgiu apenas no século XIX, ele foi usado por diferentes países com base nas mesmas circunstâncias e objetivos.

De acordo com Jean-Yves Durand, do século XIX até a metade do século XX, ser bordadeira e costureira representava uma mulher virtuosa.

(...) a bordadeira é a representação por excelência da rapariga virtuosa. Quando se quer dar a imagem de uma vida familiar harmoniosa, a figura preferida é a mulher cosendo. É a habilidade como costureira, conjugada com as suas virtudes de poupança e o seu engenho (...) um dos instrumentos da boa aparência, da dignidade, da expressão de uma forma de respeito pela ordem estabelecida (...) A agulha aparece neste contexto como o instrumento de uma suposta “natureza feminina”. Passando por uma estrita disciplina do corpo e da atenção necessária para a boa realização de pontos minúsculos, de motivos regulares, a costureira instalava também as mulheres no seu papel social e restringia-as a ele. (DURAND, 2006, p. 8).

Na passagem no século XX, ocorreu o processo de profissionalização feminina no Brasil. Assim como na Europa, as mulheres começaram a participar do mercado de trabalho que começa a crescer com a industrialização e urbanização do país em 1930. Neste momento, esse novo ambiente provocou uma maior procura das famílias pela escolarização feminina (ROCHA; BARREIRA, 2002 apud ALVES, 2021).

A educação formal feminina começou no Brasil a partir da Lei de 15 de outubro de 1827, quando a pauta da educação feminina surgiu pela primeira vez como obrigação do Estado.

### 3.2 O Bordado como Estereótipo da Feminilidade

A ligação estabelecida entre a mulher e a prática do bordado foi se estabelecendo conforme os séculos. Segundo Parker (1996 apud PEREIRA; TRINCHÃO, 2020), antes do século XVIII era comum encontrar homens e mulheres compartilhando a profissão de bordadores. O bordado era visto como uma expressão com proporções artísticas e ainda não possuía o estereótipo de ser uma prática doméstica.

(...) uma actividade reservada às mulheres, que eram de certo remuneradas mas que não podiam pertencer a nenhuma corporação e que, portanto, não beneficiavam de um real conhecimento enquanto profissionais, enquanto participantes activas na vida económica. Só é possível falar aqui de uma maneira excessivamente esquemática acerca de um período de vários séculos, ainda por cima com variações entre os diversos países, mas é possível dizer que, no início da época moderna, o bordar visível, público, espectacular, ostentatório, caro (não só em termos de mão de obra, mas também em razão do uso de materiais raros como os fios de ouro e de seda), noutras palavras simbólica e economicamente muito valorizado, era produzido por homens e destinava-se à decoração das vestes das elites sociais e religiosas ou de acessórios têxteis usados em cerimónias políticas ou litúrgicas. (DURAND, 2006, p. 4).

Ainda que, visto por Queiroz (2011 apud SILVA, 2021) como um espaço de liberdade expressiva, Rocha (2017 apud SILVA, 2021) evidencia a dificuldade da falta de liberdade financeira das mulheres na época. De acordo com o papel social que era esperado que as mulheres cumprissem, não era aceito que as mulheres ganhassem dinheiro, pois o único provador do lar deveria ser o marido. Caso as mulheres ficassem viúvas, precisavam trabalhar e “faziam doces por encomendas, arranjos de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano etc. Mas além de pouco valorizadas, essas atividades eram malvistas pela sociedade.” (ROCHA, 2017 apud SILVA, 2021).

O desenvolvimento de um pensamento de feminilidade revela e favorece às atividades relacionadas a domesticidade, como técnicas artesanais, bordado, renda, crochê e a costura.

O bordado foi visto como labor feminino até o século XVIII, onde se conectava constantemente ao trabalho em casa e ao estereótipo de mulher-virgem, sendo, assim, pertencia ao paradigma de feminilidade, de comportamento, segundo a sociedade.

No final do século XVIII, “o novo ideal feminino firma a feminilidade como responsabilidade doméstica; o bordado não é visto como labor, mas como uma expressão de domesticidade inata, tornando a mulher altruísta, doméstica, hábil...ideal!” (ROSEIRO, 2013).

O labor do bordado é classificado no contexto artístico, como expressão de feminilidade juntamente com o artesanato, isto significa que é visto como uma arte inferior que pertence ao ambiente doméstico.

## 4 O ARTESANATO COMO FERRAMENTA ARTÍSTICA

### 4.1 Definição de Artesanato

Como objetivo de estudo, a técnica manual do bordado pode ser classificada como uma atividade artesanal, neste sentido, é preciso conhecer o conceito da palavra artesanato.

Para Tigre e Araujo (2014), conforme o Dicionário Houaiss a palavra artesanato tem o significado de arte ou técnica de trabalho manual, peça ou conjunto de peças artesanais. Peças artesanais que não são industrializadas.

Considerado seu significado, o artesanato significa um fazer ou um objeto que tem como origem o fazer totalmente manual, ou seja, o trabalho é executado pelas mãos (LIMA, 2003).

O artesanato surgiu no período da Pré-História e até a Revolução Industrial o mundo foi construído de forma completamente manual.

De acordo com Lima (2003), [...] O artesanato é uma maneira de fazer objetos existentes há milênios. Toda a antiguidade foi assim construída e até a Idade Média européia essa foi a forma pela qual a humanidade se fez. E porque durante muito tempo essa foi a única maneira de confeccionar objetos, não havendo uma outra que com ela convivesse ou mesmo a ela se opusesse, quando nos referimos a esse longo período de hegemonia do artesanato, o tempo não é enfatizado. O termo artesanato é mais empregado ao nos referirmos ao período pós-Revolução Industrial, quando o objeto criado pela indústria passa a ser oposição ao *hand made*.

Portanto, como citado, o termo artesanato surgiu para a sociedade logo após a Revolução Industrial, pois antes não havia a definição do que era trabalho feito a mão ou trabalho industrial, tal porque tudo era realizado manualmente, e segundo Lopes (2017), algumas ferramentas eram utilizadas somente como extensão da mão humana para facilitar a idealização de sua arte, produzindo um melhor acabamento na criação da peça.

No Brasil, o artesanato surgiu pelos índios, e segundo Lopes (2017), Pero Vaz de Caminha em 1500, descreveu na carta destinada para o rei de Portugal, o encontro dos portugueses com o artesanato indígena.

Relata que quando as caravanas de Cabral chegaram ao Brasil os povos indígenas já produziam uma variedade de artesanato que ia desde a pintura corporal aos adornos corporais, da cestaria à cerâmica. Utilizando pigmentos naturais, penas e plumas das aves, por meio da arte plumária, produziam peças do vestuário e adornos corporais como cocares, colares, entre outros. (LOPES, 2017).

Conforme a definição de artesanato, percebe-se que o bordado é uma ferramenta artesanal, e segundo Lody (2013 apud SILVA, j.; SILVA, m., 2016) “o bordado é um trabalho feito com as mãos [...] a arte do bordado é um método antigo com o desejo de simbologia corporal em criação pelo homem”.

Após a Revolução Industrial, o artesanato passou a ser desvalorizado. A indústria foi substituindo o trabalho único e manual pelo trabalho mecânico e de produção em massa, resultando em consequências negativas para os trabalhos manufaturados.

O bordado também sofreu as consequências da Revolução Industrial, que foi um dos fatores que contribuiu para a sua desvalorização, como citado por Denis (2000 apud SILVA, 2021) a revolução levou o trabalho masculino para as indústrias, o que desestabilizou o comércio artesanal. Outro fator que é destacado por Queiroz (2011 apud SILVA, 2021), está associado pelo trabalho feminino não ter uma boa visibilidade, de maneira oposta aos bordados masculinos, os bordados femininos eram vistos somente como uma forma das mulheres passarem tempo em suas casas.

## **4.2 A Arte como Criação Artesanal**

A arte é caracterizada como um processo de criação artesanal, no qual se estudam técnicas de criação nas escolas de arte para se elaborar e elitizar uma obra.

No mundo ocidental, as artes aplicadas ocupam uma posição de inferioridade desde o advento da história da arte como disciplina (CHADWICK, 1996 apud SIMIONI, 2010). No período do Renascimento, o termo artista se torna destaque, pois segundo os escritos de Giorgio Vasari, é considerado digno de ser chamado de artista o indivíduo beneficiado por capacidades intelectuais que o distinguem dos outros

contemporâneos, refletindo um estilo próprio (GOLDSTEIN, 1996 apud SIMIONI, 2010). É nesta diferenciação que o autor enfatiza a superioridade da atividade intelectual diante do trabalho manual e, a partir de então, práticas artísticas como a pintura, a arquitetura e a escultura tornam-se artes maiores por terem como gênese a atividade estritamente intelectual.

Atividades ligadas ao artesanato foram entendidas como desvalidadas, sobre essa separação das artes, Rozsika Parker em seu livro *The Subversive Stitch*, afirma:

A hierarquia arte/artesanato sugere que a arte feita com fio e arte feita com tinta são intrinsecamente desiguais: a primeira é artisticamente menos significativa. Mas a diferença real entre os dois está nos termos em que são feitos e quem os faz. O bordado, na época da divisão arte/artesanato, era feito na esfera doméstica, geralmente por mulheres, por “amor”. A pintura era produzida predominantemente, embora não apenas pelos homens, na esfera pública, por dinheiro [...] claramente, existem enormes diferenças entre pintura e bordado; diferentes condições de produção e diferentes condições de recepção. Mas, em vez de reconhecer que o bordado e a pintura são diferentes, mas as artes iguais, os bordados e os ofícios associados ao “segundo sexo” ou à classe trabalhadora recebem menos valor artístico. (PARKER, 2010, p. 5, tradução nossa).

O artista que exerce a prática do bordado, foi vinculado ao trabalho de artesão e acabou se tornando incapaz de criar uma grande arte. A divisão de Vasari desvalorizou as atividades relacionadas ao artesanato, no qual seus produtores eram vistos como desprovidos de capacidades intelectuais superiores, e eram tratados como simples produtores (GOLDSTEIN, 1996 apud SIMIONI, 2010, p.4).

Com o surgimento das Academias de Arte no século XVIII, a formação dos artistas se desligou inteiramente das corporações de ofício. As academias possuíam o monopólio dos estudos de modelo vivos, visto que a representação da figura humana era um dos principais temas das grandes artes, o que corroborou com a imagem de inferioridade dos artistas das artes aplicadas. A partir de então, foi feita a decisão definitiva entre artistas e artesões (SOUSA, 2012).

As artes aplicadas passaram a serem associadas ao gênero feminino, no entanto, as mulheres eram excluídas das Academias. Dessa forma, elas foram impedidas de realizarem as artes maiores, como pintura de histórias ou retratos (NOCHLIN, 1973; CHADWICK, op.cit apud SIMIONI, 2010, p. 4).

Com isso, estavam aptas apenas a criarem o que então se convencionou denominar de gêneros “menores”: as miniaturas, as pinturas em porcelana,

as pinturas decorativas (vãos, esmaltes etc.), as aquarelas, as naturezas-mortas e, finalmente, toda a sorte de artes aplicadas, particularmente as tapeçarias e bordados. (SIMIONI, 2012).

Pouco a pouco, algumas modalidades foram sendo feminizadas, ou seja, as artes consideradas menores na hierarquia dos gêneros artísticos foram sendo relacionadas às práticas artísticas de mulheres. Durante o século XIX, as mulheres eram vistas como pessoas intelectualmente inferiores, capazes de realizarem apenas arte feminina, isto é, obras pouco importantes em relação as obras feitas pelos homens, como esculturas históricas e grandes telas (GARIBOLDI, 1989 apud SIMIONI, 2010, p. 5).

O bordado e a tapeçaria que eram atividades valorizadas durante a Idade Média, passaram a ter reputações negativas na Idade Moderna, como serem atividades ligadas ao feminino, e associados ao artesanato, que passou a ser desqualificado conforme o tempo por ser uma atividade totalmente manual.

Conforme Alves (2021), o bordado exerce uma posição dentro das artes, é um reflexo do modo de como a sociedade foi se estruturando com o passar dos anos.

No final do século XIX, surgiu alguns movimentos como o *Art Nouveau* e o *Arts & Crafts*, na Inglaterra, em que, com o declínio da importância das Academias, as artes têxteis foram revalorizadas. Contudo, mesmo com essa revalorização das artes têxteis, o artesanal não foi totalmente aceito como artes maiores (SIMIONI, 2008 apud TIGRE; ARAUJO, 2014).

### **4.3 O Artesanato Brasileiro**

No Brasil, observa-se que o artesanato brasileiro não é muito valorizado, a sociedade brasileira ainda possui um olhar negativo para o trabalho artesanal.

Isso ocorreu, provavelmente, devido à ruptura entre a herança da Colonização, por ter sido desconsiderada e desvalorizada. Como consequência, acabou remetendo o artesanato para a parte desse passado de atraso, subdesenvolvimento e pobreza. A institucionalização do design no Brasil feita a partir da ruptura com o saber ancestral se manifestou com a substituição do feito à mão pelo industrializado caracterizando, dessarte, a nossa cultura material. (CARMO, 2015).

Como já visto, a literatura sobre artesanato descreve sua inserção no território brasileiro através dos colonizadores europeus (QUEIROZ, 2011). Porém, o fazer manual já estava presente no território através das tribos indígenas. O artesanato brasileiro é rico em diversidade, devido a cultura dos povos que estavam em seu território.

Percebe-se pela distribuição feita pelo Programa de Artesanato Brasileiro (PAB), em 1995, essa diversidade entre as regiões brasileiras (LOPES, 2017).

Na região Norte, encontra-se uma forte influência indígena, em que as artes manuais da região são em sua maioria trançados, enfeites de penas, cestos de fibras vegetais, entre outros.

O Nordeste brasileiro possui uma abundante diversidade de artesanato, e teve como influência a cultura indígena, africana e portuguesa. No interior do Nordeste, encontra-se artesanatos em couro e cerâmica. No litoral nordestino, pode-se encontrar as rendas de bilro, cestarias e bordados.

O Centro-Oeste do país teve uma forte influência das tradições indígenas e europeias, onde é possível encontrar artes como a cerâmica e refinamento de pedras preciosas.

O Sudeste brasileiro conta com uma grande diversidade de artesanato, que predomina principalmente nos litorais. No estado de Minas Gerais, as esculturas religiosas são de grande destaque, esculpidas tanto na pedra-sabão, quanto na madeira (LOPES, 2017).

A região Sul do país teve uma forte influência das tradições europeias, pode-se encontrar a cerâmica e a renda de bilro, encontrada também no Nordeste brasileiro.

Observa-se que o Brasil possui uma vasta diversidade de artesanato em toda as suas regiões, influenciado tanto pelos povos nativos do território quanto pelos colonizadores.

## 5 TÉCNICAS DE BORDADO

Como mencionado no contexto histórico, o bordado é uma das artes têxteis mais antiga da história. Surgindo no período Paleolítico junto com a agulha e a costura. A costura funcional incluía o bordado, que se adequava como conserto e reforço.

Ao longo dos séculos, além de fornecer benefícios práticos, o bordado evoluiu como arte decorativa. “Praticados em todo mundo, bordados luxuosos frequentemente eram utilizados para simbolizar status e riquezas” (KENDRICK, 2009, p. 6).

Percebe-se que o bordado se recria conforme os estilos de cada época. Ele agrega um valor artístico ao tecido por meio de desenhos e padrões, faz a sociedade ver a beleza criada por uma agulha e uma linha (FERNANDES, 2012 apud SILVA, 2021).

Como visto, o primeiro ponto de bordado criado foi o ponto cruz, e é utilizado até os dias de hoje. No presente capítulo, será abordado diferentes técnicas de bordados, e como elas foram tão importantes para a história da moda e da arte.

### 5.1 Ponto Cruz

O ponto cruz chegou ao Brasil por meio dos portugueses, é o bordado mais antigo da história. É feito por camponeses em toda a Europa e é a mesma técnica dos trabalhos feitos na Idade Média, o *opus pulvinarium*, eram as tapeçarias feitas em tela grossa de linho, bordadas com pontos na forma de X, em que servia para encher as superfícies do tecido, encobrindo as irregularidades da trama (SILVA, 1995).

Figura 2 - Ponto Cruz



Fonte: Revista Artesanato.

## 5.2 Stumpwork

O *stumpwork* é a evolução do bordado em relevo, tendo destaque no século XVII. O trabalho é feito com formas acolchoadas e incluía figuras elaboradas, inspiradas em bordados eclesiásticos da Europa ou mitologias. De acordo com Kendrick (2009), essa técnica era especialmente trabalhada pelas damas da Casa de Stuart entre os anos de 1603 e 1714.

Figura 3 - Bordado em *Stumpwork* do século XVII - Casa Fenton



Fonte: KENDRICK, 2009, p. 38.

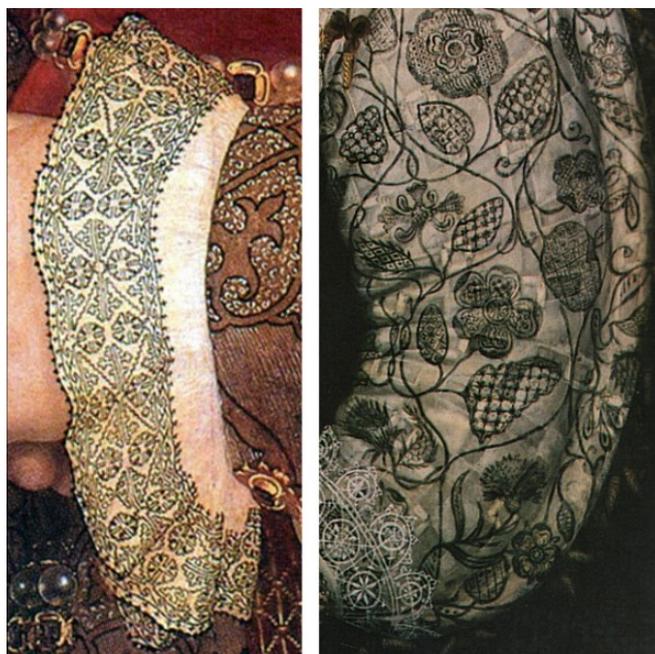
### 5.3 Blackwork

O bordado *blackwork* é uma técnica de artesanato em que é desenvolvido por linhas e tecidos para formar os pontos, ou seja, as tramas do tecido precisam ser uniformes, a fim de que seja possível a contagem regular de pontos. Essa técnica de bordado recebeu este nome devido a sua principal característica, linhas pretas sobre o tecido natural ou branco.

É comum achar que Catarina de Aragão levou o bordado em *blackwork* da Espanha para a Inglaterra, depois de se casar com Henrique VIII em 1509, mas este tipo de bordado em fundo branco já era produzido no país muito antes disso, e amplamente utilizado para decorar roupas (principalmente longas mangas de camisas e vestidos). (KENDRICK, 2009, p. 50).

Os padrões do bordado *blackwork* diversificavam de pictóricos para geométricos, e passaram a ser influenciados pelo estilo mouro durante o século XVII.

Figura 4 - Bordado em *Blackwork* (detalhe)



Fonte: ROMERO.

## 5.4 Bordado em Tela

Desacertadamente, o bordado em tela pode ser chamado de tapeçaria, em razão de seus trabalhos pitorescos. O bordado em tela é qualquer tipo de decoração realizada por agulhas em talagarça (KENDRICK, 2009, p. 62). O ponto mais conhecido dessa técnica de bordado, é o pontinho, *tent* na língua inglesa e *tenter* na língua francesa. A expressão em francês significa colocar e esticar o tecido em um bastidor para criar.

Essa técnica foi utilizada durante a monarquia da Rainha Elizabeth I, na Inglaterra. Se tornando popular nos anos seguintes, utilizada para decorações, mobiliário, têxteis etc.

Durante a Primeira Guerra Mundial, no século XX, o bordado em tela se tornou uma das técnicas terapêuticas para os soldados em estado de choque. Conforme Kendrick (2009, p.62), muitas pessoas começaram a bordar com um kit de bordado em tela, progredindo até a criação das próprias composições.

Figura 5 - Bordado em Tela



Fonte: KENDRICK, 2009, p. 62.

## 5.5 Bordado em Lã Crewel

Há indícios de que a técnica de bordado em lã *crewel* é praticada há muitos anos, principalmente na região da Grã-Bretanha. É trabalhado, geralmente, sobre linho cru ou neutro, ou sobre um tecido de algodão firme. No século XVI, os bordados em lã crewel apresentava flores e folhas. Porém, nos anos de 1600, com o avanço do comércio com a Índia e China, novos padrões foram introduzidos na Inglaterra. A tapeçaria de *Bayeux* é um tipo de bordado em lã *crewel*.

Figura 6 - Bordado em Lã Crewel



Fonte: Google.

## 5.6 Hardanger

A técnica do bordado em *hardanger* é conhecida desde o século VII. No Renascimento, com a Itália sendo um polo de tecidos finos e bordado, o bordado *hardanger* aos poucos foi se tornando em bordado aberto, conhecido como rendas de Veneza.

De acordo com Kendrick (2009, p. 114), com o crescimento do comércio com o norte europeu, as técnicas utilizadas nos bordados italianos tornaram-se amplamente conhecidas e praticadas. [...] Os padrões eram influenciados pela cultura local, surgindo assim novas formas de bordado. Na Escócia havia o bordado Ayrshire, na Dinamarca o bordado de Hedebo e na Noruega, em torno da região de Hardanger, nasceu a técnica de bordado que leva o mesmo nome.

O linho que era cultivado na região de Hardanger, se tornava tecido utilizado para trajes tradicionais e utensílios domésticos. A técnica de bordado *hardanger* é um trabalho de linhas brancas sobre o tecido branco ou em tons pastel. Os padrões utilizados neste bordado são em sua maioria geométricos.

Figura 7 - Bordado *Hardanger*



Fonte: DMC.

### 5.7 Bordado de Lunéville

Mais conhecido como *crochet de Lunéville*, é uma técnica em que é utilizada uma agulha com a mesma espessura de uma agulha comum, porém, a diferença é que a agulha de *Lunéville* é curva na extremidade, parecida com a agulha da técnica de crochê.

A técnica recebeu esse nome, devido a tradição e desenvolvimento de bordado e rendas na cidade de Lunéville, no norte da França. O ponto utilizado nesta técnica é o ponto de corrente, onde são pontos que formam cada elo do bordado (NADAL, 2020).

A cerca do ano de 1865, o artesão e empresário Louis-Bonnechoux Ferry se destacou como o primeiro bordador de Lunéville, por inserir pérolas e paetês no bordado. Essa técnica é presente até os dias atuais, realizada principalmente em *Maisons de Alta Costura*.

Figura 8 - Técnica de Bordado Lunéville



Fonte: Fernanda Nadal

## 5.8 Bordado Livre

O bordado livre, como o nome sugere, se refere a uma técnica de bordar independente de padrões, como pode-se observar nos outros tipos de bordado. Os pontos nessa técnica de bordado são variados, e pode-se criar itens para vestuário, decoração etc. Segundo Kendrick (2009, p. 96), ao experimentar as técnicas levemente diferentes, percebe-se como as linhas, pontos e cores expressam um estilo próprio.

Figura 9 - Bordado Livre - Van Gogh



Fonte: G1 – Globo.

## 5.9 Arpilleras

Esta técnica de bordado é realizada sobre tela de sacaria de linho grosso ou cânhamo. É uma técnica onde são aplicados retalhos sobre a tela, e seu acabamento é feito com algodão cru, crochê ou com viés colorido. Tem como origem de um grupo de bordadeiras do litoral do Chile. E como objetivo, transmitir histórias, a vida cotidiana, problemas sociais ou políticos através de bordados figurativos.

Figura 10 - Bordado das Arpilleras feito na década de 70



Fonte: Espaço Viveka.

## 5.10 Bordado à Máquina

Apesar de ser realizado em máquinas, o bordado à máquina é uma técnica considerada artesanal (URDUME, 2021, p. 32), onde a costura é conduzida manualmente sobre o tecido com ou sem o uso do bastidor para esticar o tecido que será bordado.

Figura 11 - Bordado feito à máquina



Fonte: Google.

## 5.11 Bordados Presentes nas Regiões Brasileiras

### 5.11.1 Bordado do Bujari

O bordado de Bujari surgiu através do projeto Bordado Acreano: Resgatando tradições com inspirações amazônicas, em 2017. É feito por um grupo interessadas por criar manifestações para um bordado acreano (URDUME, 2021, p. 36). O bordado do Bujari, recebeu esse nome pois é feito por pessoas da zona urbana e rural do Bujari, no Acre. A técnica do bordado do Bujari está presente em toalhas, fronhas, guardanapos e souvenirs, reproduzindo a fauna e flora da região amazônica, geralmente bordados sobre tecido de linho ou algodão.

Figura 12 - Bordado de Bujari



Fonte: Notícias da Hora.

#### 5.11.2 Bordado Rendedê, Rendendepe, Hardanger ou Renda de Dedo

O bordado rendedê ou hardanger, como já visto, é uma técnica de bordado realizada sobre o linho. No Brasil, essa técnica é comum em estados da região Nordeste do país, como Bahia, Alagoas, Pernambuco e Sergipe. Todavia, pode ser encontrada em outras regiões do país.

Figura 13 - Bordado Rendedê



Fonte: Artesol.

### 5.11.3 Bordado Filé ou Renda

Essa técnica é conhecida por alguns como bordado filé, e por outros conhecida como renda. Segundo a revista *Urdume* (2021, p.38), a catalogação internacional a define como bordado. Há teorias de que essa técnica surgiu no antigo Egito e Pérsia, mas se destacou principalmente nos últimos séculos em regiões da Itália, Portugal e França. Chegou ao Brasil através dos colonizadores, e provavelmente foi incluída no currículo da educação das escolas cristãs que ensinavam as meninas. É predominante no Nordeste do país, mas pode ser encontrado em outras regiões do Brasil, no qual alguns pontos possuem nomenclaturas diferentes de acordo com a região.

Figura 14 - Bordado Filé



Fonte: Correio dos Municípios.

### 5.11.4 Bordado Seridoense, Bordado de Caicó ou Bordado de Seridó

Dominante da região de Seridó, no Rio Grande do Norte, o bordado de Seridó tem como origem o bordado Madeira, e chegou ao Brasil pelos primeiros portugueses da Ilha da Madeira no século XVIII. A técnica do bordado seridoense expressa a natureza local, e possui muitos pontos, além de ter um processo de execução que inclui o riscado, cobrir, lavagem, engomagem e armazenamento. É realizada sobre os tecidos de linho, polialgodão ou percal, produzido em toalhas, camisas, lençol, enxoval e decorações de mesa.

Figura 15 - Bordado Seridoense



Fonte: Jornal do Brasil.

#### 5.11.5 Bordado de Passira

O bordado de Passira tem origem europeia, e como o próprio nome diz se refere a cidade de Passira, no agreste de Pernambuco. Essa técnica chegou à cidade por meio das freiras alemãs, no início de 1950, no qual iniciaram um programa de capacitação para as mulheres agricultoras, devido à falta de opções de trabalho. O bordado de Passira é aplicado em tecidos como linho, cambraia e percal, produzindo roupas e peças para cama, mesa e banho.

Figura 16 - Bordado de Passira



Fonte: Artesol.

### 5.11.7 Bordado Richelieu

A técnica do bordado Richelieu tem origem italiana e chegou ao Brasil pelos colonizadores portugueses, prevalente no Nordeste do país. Esta técnica se inicia com um desenho de laços, flores ou arabescos feito sobre o papel manteiga, logo após, transferido sobre um tecido, no qual seus contornos são bordados à mão ou à máquina.

Figura 17 - Bordado Richelieu



Fonte: Revista Artesanato.

### 5.11.8 Bordado Gola de Caboclo

O bordado gola de caboclo é uma técnica de bordado em pedraria aplicado sobre a gola, um adorno usado para arrumação do caboclo de lança do Maracatu de Baque Solto ou Rural, em Pernambuco (URDUME, p. 40). A gola usada possui um formato de semicírculo, chegando a 2 metros ou mais de raio, é feita com tecido veludo preto e forrado com um tecido de algodão. O bordado é feito com lantejoulas de diversos tamanhos, miçangas e linha de bordado de pedraria, seus desenhos variam

de geométricos, flores e arabescos à referência de super-heróis, desenhos animados ou futebol.

Figura 18 - Manto de Maracatu bordado



Fonte: Rosenbaum.

#### 5.11.9 Bordado do cangaço

O bordado do cangaço, é uma técnica de bordado no qual era feito a máquina com ponto corrido, com poucas linhas e poucas opções de cores. Aplicado sobre tecido brim grosso. Era criado e usado por Lampião e outras pessoas de seu grupo. Os desenhos dessa técnica eram geométricos, florais ou símbolos místicos como, estrela de Davi e flor de lis. Os padrões eram desenhados no papel que orientava a máquina, cobrindo o desenho. Hoje, o bordado do cangaço influenciou uma padronagem típica do Nordeste brasileiro, como o bordado em couro de Espedito Seleiro (URDUME, 41).

Figura 19 - Embornais de couro bordado



Fonte: Google.

#### 5.11.10 Bordado da Cavalhada

O bordado da cavalhada é uma técnica de bordado em pedraria no qual é aplicado nas vestimentas dos cavaleiros, rainhas, pajens e nos adereços de cavalos pantaneiros, durante a festa da cavalhada, que tem como sua origem portuguesa. O bordado é desenvolvido sobre tecido de cetim, com lantejoulas, miçangas, plumas, fitas e fios dourados, e seus padrões geralmente são arabescos.

Figura 20 - Vestimenta bordada usada pelos cavaleiros



Fonte: Novos Para Nós.

#### 5.11.11 Bordado da Dança dos Mascarados

A dança dos mascarados ocorre juntamente com a festa da cavalhada, e o bordado da dança dos mascarados também é uma técnica de bordado em pedraria, usado pelos participantes da dança. Aplicado em tecido de cetim e tendo arabescos como padrão, o bordado se faz presente nesta tradição vinda de europeus, africanos e indígenas, realizada no Centro-Oeste brasileiro.

Figura 21 - Participante da dança usando um chapéu bordado



Fonte: Olhar Conceito.

#### 5.11.12 Bordado Madeira

O bordado Madeira tem sua origem da Ilha da Madeira, em Portugal. Desde o século XV, é uma técnica ensinada de geração para geração de mulheres, destinado para decorações, adorno de vestimentas e confecção do conhecido enxoval de casamento. O bordado Madeira expressa desenhos inspirados na natureza da ilha, aplicados em tecidos como linho, seda, cambraia e organdi. A técnica deste bordado chegou ao Brasil através dos imigrantes madeirenses, e é realizada predominantemente, no Sudeste brasileiro.

Figura 22 - Bordado Madeira



Fonte: Bordado Madeira.

#### 5.11.13 Bordado Ucraniano

O bordado ucraniano é uma técnica realizada por meio do ponto cruz, e possui sua predominância na região Sul do Brasil. O bordado ucraniano também é uma técnica passada de geração para geração, é utilizado em trajes folclóricos e religiosos, e nas roupas do dia a dia. Seus padrões variam de flores e frutas à formas geométricas.

Figura 23 - Traje em bordado ucraniano



Fonte: Diplomacia Business.

#### 5.11.14 Bordado ou Renda Labirinto, Crivo

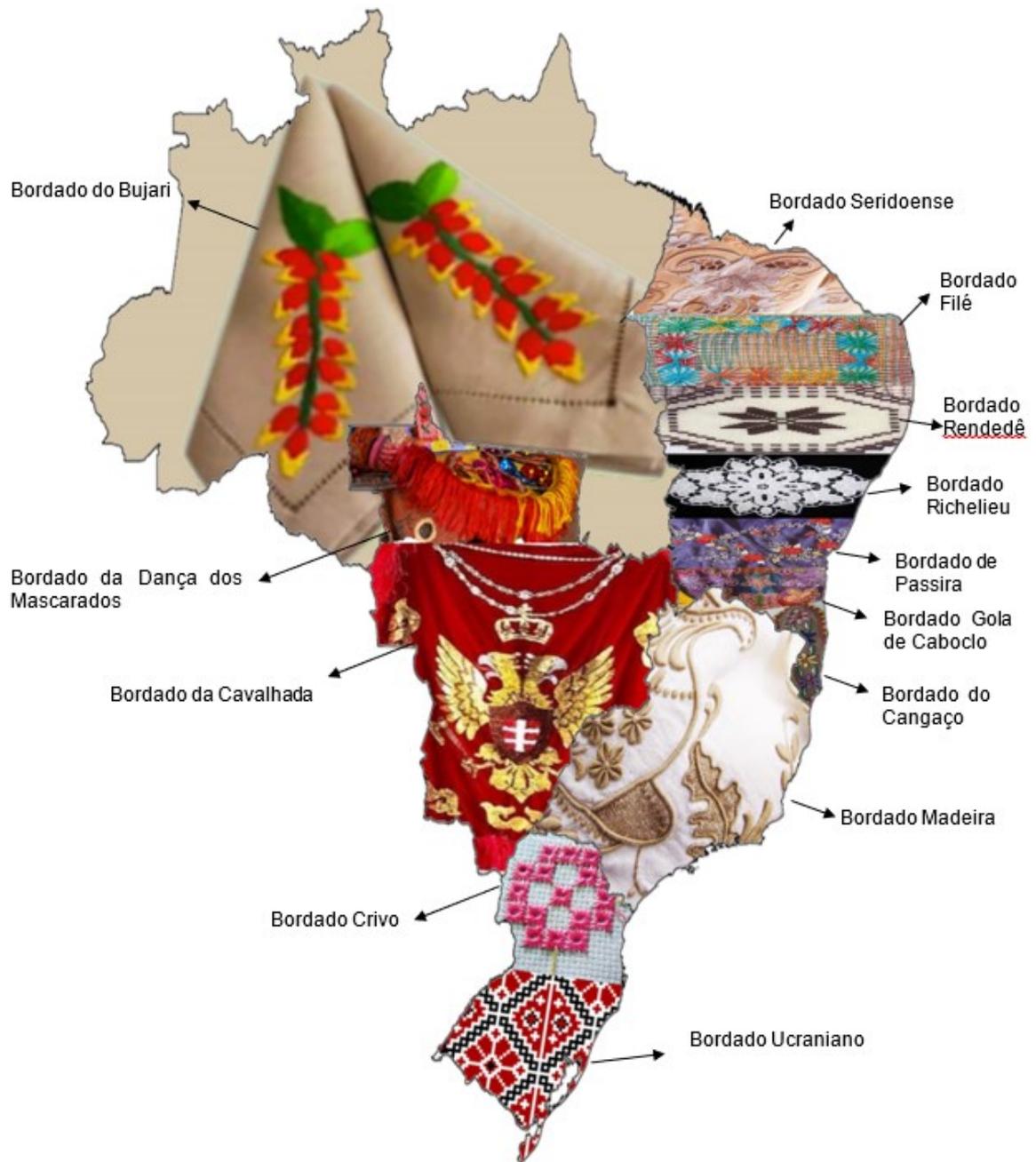
Esta técnica de bordado também é oriunda de Portugal, no qual é denominada de Crivo, feito tradicionalmente no linho. No Brasil, principalmente na Paraíba e no Ceará, é utilizado o tecido de algodão em que encharcado por uma goma adquirida da farinha de mandioca, com a finalidade de alcançar um tecido firme e rígido. O bordado ou renda labirinto é praticado nas regiões Sul e Nordeste do país.

Figura 24 - Bordado Crivo



Fonte: Paraíba Criativa.

Figura 25 - Mapa do Brasil com bordados presentes nas Regiões Brasileiras



Fonte: Da autora.

## 6 O BORDADO COMO PORTA-VOZ FEMININO

Como visto nos capítulos anteriores, o bordado expressa histórias de trajetórias, principalmente sobre trajetórias femininas. Ele esteve presente na aprendizagem e formação escolar de meninas em colégios católicos e internatos, e servia como ferramenta de criação e preparação para o casamento, criação e cuidado da casa e da família, em outras palavras, as meninas eram preparadas a serem boas mulheres através do ensinamento do bordado.

De acordo com Chagas (2007 apud HECK; SCHEMES; CONTE, 2019), a história do bordado é relacionada com a história das mulheres. Para Simioni:

O bordado é visto como um caso exemplar: arte feminina por excelência, é adequado a esse sexo por sua graça, encanto, domesticidade e, poderíamos dizer, “textilidade”. A percepção social de que os objetos realizados em tecidos eram, “por sua natureza”, frutos de atividades de mulheres e apropriados aos recintos domésticos era por demais difundida e arraigada, a ponto de penetrar inadvertidamente, e por isso mesmo com força, as crenças e práticas em vigor nos campos artísticos. Assim, as artes têxteis, mesmo em inícios do século XX, ainda encontravam-se indissociavelmente ligadas aos estigmas do amadorismo, do artesanato e da domesticidade. (SIMIONI, 2010, p. 8).

O caso do bordado contribui a observar o quanto a arte e a sociedade em que ela está inserida ainda se limita pelas questões de gênero (SOUSA, 2019). Devido a prática do bordado pertencer a uma posição inferior nas hierarquias artísticas, fez com que as mulheres não fossem proibidas de realizá-la, além de que influenciou o aprimoramento e desenvolvimento das técnicas de bordado. Mas, por ser reconhecido como atividade feminina contribuiu para sua desvalorização dentro das artes (SOUSA, 2019).

O conceito de artista é relacionado à uma pessoa beneficiada de capacidades intelectuais únicas. As pessoas que praticavam o bordado foram rotuladas como desprovidas de capacidades intelectuais superiores, pelo motivo de ser uma prática artesanal feminina, o que acabou influenciando na sua identidade histórica e dificultou de ser reconhecido como uma técnica artística.

Por decorrência dessa invisibilidade bordadeira, muitos registros e obras não resistiram ao tempo, sendo ainda mais difícil de reconstruir caminhos trilhados por mulheres que se dedicaram a esta arte e dedicaram parte da sua vida para o desenvolvimento dela. (SOUSA, 2019).

Apesar de ser relacionado a uma prática totalmente feminina, no século XVI existia homens em Portugal que praticavam a técnica do bordado. A técnica exigia uma certa capacidade que, em algumas vezes, era preciso realizar provas e ter diploma, principalmente para bordar nos trajes sofisticados, no qual inseriam pedras preciosas, ouros e pérolas, transformando os trajes em verdadeiras obras de arte (SILVA, 2006 apud HECK; SCHEMES; CONTE, 2019). Ainda há homens que praticam a técnica do bordado, mesmo que, historicamente, o bordado é relacionado ao trabalho feminino.

## **6.1 O Bordado Como Fonte De Renda**

Segundo Rocha (1994 apud MUCCILOLO, 2022), as mulheres de Portugal que vieram para o Brasil no tempo da colonização, ensinaram suas técnicas e costumes. O bordado foi uma destas técnicas, e permaneceu como ocupação e herança portuguesa, enquanto a mulher ficava em casa cuidando do lar e dos filhos. Isso fez com que essas manualidades permanecessem presentes na maioria das famílias da classe média até o final do século XIX.

“Assim, a mulher de classe alta continuava a exercer sua função procriadora de assegurar herdeiros e suas atividades de espécie de administradora do lar [...] quem se ocupava com os serviços de costura”. (ROCHA-COUTINHO, 1994 apud MUCCILOLO, 2022). A relação do bordado e do tecido com as mulheres portuguesas determinava não somente a classe social, mas em qual parte do Brasil elas residiam.

Enquanto as mulheres das classes sociais mais altas bordavam por lazer, as mulheres das classes sociais baixas utilizavam o bordado como uma fonte de renda. Elas vendiam seus trabalhos artesanais, sendo um deles o bordado, nos locais públicos de venda.

A presença feminina foi sempre destacada no exercício do pequeno comércio em vilas e cidades do Brasil colonial. Desde os primeiros tempos, em lugares como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, estabeleceu-se uma divisão de trabalho assentada em critérios sexuais, em que o comércio ambulante representava ocupação predominantemente feminina. [...] (PRIORE apud MUCCILOLO, 2022).

A diferenciação social é um dos princípios de desvalorização do bordado, principalmente no Brasil. No momento em que o bordado passa a ser um trabalho e uma fonte de renda para as mulheres, elas passaram a ser malvistas pela sociedade. De outro modo, as famílias que possuíam objetos bordados como enxoval, toalha de mesa, entre outros, eram vistas como pessoas que possuíam muito dinheiro. Pode-se observar uma incoerência em que, a riqueza da família era medida por meio da quantidade e qualidade dos bordados que a família possuía, mas quem criava esses bordados não era valorizada pela sociedade. Dessa forma, essa desvalorização não atribui pela técnica ou pelo bordado, mas sim, pelo trabalho e por quem o produziu, no caso, a mulher (MUCCILOLO, 2022).

No começo do século XX, na região Nordeste do país, o bordado passou a ser valorizado por meio das cangaceiras e cangaceiros da região que utilizavam em suas vestimentas ornamentos e símbolos, feitos na maioria de bordados. Contudo, o bordado do cangaço não era produzido apenas por mulheres, os homens do grupo também praticavam a técnica.

No sertão do começo do século XX, o manejo de linhas e agulhas não era uma atividade exclusivamente feminina. [...] Cangaceiros também se dedicavam à produção de seus trajes – mais do que simples vestimentas, verdadeiros uniformes de guerra. [...] Entre os sertanejos, costurar e bordar não era ocupação que denunciava pouca macheza. (NEGREIROS apud MUCCILOLO, 2022).

No século XXI, são poucos homens que praticam as técnicas do bordado, os que se relacionam com o bordado geralmente participam da parte econômica ou no processo de produção do bordado, exceto na prática de bordar, se distanciando da parte feminina do bordado.

Dentro das artes, as mulheres eram excluídas pelo fato de as artes têxteis serem consideradas como manualidades e artesanato. Dessa maneira, o bordado foi presente na atividade feminina para a construção de seu lar, na criação de seu enxoval tanto para uso próprio quanto para venda, complementando a renda familiar ou seu principal rendimento.

## 6.2 Movimentos Retratados Através dos Bordados

Em um lado da história o bordado foi uma forma de reprimir as mulheres, exigindo avessos perfeitos relacionando à tradição e feminilidade. Por outro lado, o bordado foi e continua sendo usado como uma forma da mulher manifestar seus sonhos, suas memórias e principalmente a sua voz.

Durante o século XX, as artes têxteis foram sendo inseridas pouco a pouco por alguns artistas em suas criações, porém sempre utilizadas de uma forma que se assemelhasse com a pintura, distanciando do confronto do que era considerado arte (SOUSA, 2012).

Um terceiro momento na relação entre artes, têxteis – sobretudo bordados – e questão do gênero ocorre a partir dos anos 1970, nos Estados Unidos, com o advento do feminismo. Trata-se não mais de aceitar as hierarquias artísticas estabelecidas e de se esforçar para nelas integrar as obras têxteis, vistas como essencialmente femininas, dentro do campo dominante. Mas de fazer algo mais ousado: subverter o cânon. (SIMIONI, 2010, p. 9).

As criações que no passado eram rejeitadas por conta da feminilidade, se tornaram interessantes entre a grande tendência da época de subverter os cânones artísticos pré-estabelecidos (SOUSA, 2012).

As mudanças promoveram algumas atitudes nas mulheres do período, o movimento feminista acarretou muitas conquistas para as mulheres, e uma delas foi a liberdade de escolha tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. Isso gerou com que uma parte das mulheres se afastassem das atividades relacionadas ao feminino, e o bordado foi uma destas atividades.

Segundo Simioni (2010), a artista americana Miriam Schapiro foi a pioneira do movimento de arte feminista. Ela levantou a bandeira para a revalorização das práticas tradicionais femininas, que eram vistas como trabalhos domésticos e não artísticos. Simultaneamente, criou obras com objetivo de criticar as falas, silêncios, omissões e preconceitos da história da arte, já que, por muitos séculos, negligenciou o artesanato que era visto como criação feminina. No projeto *Anonymous Was a Woman*, Miriam Schapiro escolheu uma porção de trabalhos artesanais no qual eram reconhecidos como inferiores, por serem criações femininas e domésticas, dentre os trabalhos que Schapiro reuniu estão toalhas de mesa, guardanapos e tecidos

bordados, retirando-os de seus conceitos inferiorizados e exibiu-os como objetos artísticos.

Dentro do movimento Sufragista, conhecido como a primeira onda do feminismo, o bordado foi uma forma de mudar o conceito sobre mulheres e feminilidade, simbolizado como uma fonte de força feminina, feito em grupos ou individualmente e utilizado como resistência feminina nas manifestações, em *banners*, lenços e faixas bordados pelas mulheres (PARKER apud NIESPODZINSKI, 2021).

Na história da América Latina, o bordado foi um instrumento de cura, principalmente no período da ditadura.

Segundo Alucci (2019 apud GASPARIN, 2021), Las Arpilleras, no Chile, é um grupo baseado em uma técnica têxtil – a arpillera [...]. Durante a ditadura militar as arpilleras passaram a se encontrar nas igrejas, onde os militares não entravam, e ali encontraram um espaço de fortalecimento de uma rede de apoio, denúncia e memória. Em seus encontros, buscavam retratar nos bordados a realidade da ditadura, apoiar-se emocionalmente e garantir algum recurso financeiro para se sustentarem.

O bordado demonstra a arte com que foi criado e serve de espaço para tecer diálogos e expressar a identidade. A beleza do bordado se transforma em uma linguagem e na maneira de refletir sobre o cotidiano (QUEIROZ, 2011).

No mundo atual, Silva (2021) afirma que “a expressão artística do bordado passou a ser emancipatória e libertadora, deixando de constituir uma obrigação ou pré-requisito e passando a ser uma escolha”.

A arte de bordar comunica com a identidade da mulher que a materializa em um produto. Simboliza um espaço em que a bordadeira manifesta a sua personalidade, emoção e palavra, expressando sua natureza imaginária.

Em seus fios, texturas, cores, tecidos e pontos, a prática artesanal do bordado proporciona na criação de peças únicas, contendo símbolos e significados. Segundo Heck, Schemes e Conte (2019), “com seu conjunto ilimitado de possibilidades criativas, o bordado se constituiu, historicamente, em um espaço para a mulher significar o mundo”.

O bordado é o local em que a bordadeira habita, é um refúgio do mundo externo onde é permitido sonhar, e através do bordado a mulher narra a sua própria história.

Por muitos anos, as mulheres foram impedidas de contarem suas histórias, mas foi por meio da prática artesanal do bordado que a mulher identificou uma maneira de expressar a sua voz e sua trajetória.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa proporcionou o estudo do bordado em vários contextos, e ainda que esteja presente na sociedade desde o início, não há muitos estudos e registros sobre essa prática.

O objetivo deste trabalho foi desenvolver o conhecimento sobre o bordado, analisando sua história e sua relação com as mulheres, e como ele está incluído na discussão sobre arte e artesanato que perdura até os dias de hoje, principalmente no Brasil. Deste modo, pode-se perceber a importância do bordado na trajetória e conquistas das mulheres, no qual ele foi utilizado como companhia e também como voz e libertação para as mulheres, como por exemplo nos movimentos feministas.

Apesar de que, atualmente o bordado passa a ser reconhecido como um trabalho autônomo nas artes, ou seja, ele não é reconhecido somente como artesanato. O bordado ainda é desvalorizado para a sociedade brasileira, a divisão renascentista entre arte e artesanato é muito vigente no país, “a grande maioria das pessoas que produzem o bordado está bem distante da produção contemporânea institucionalizada, em geral são mulheres que vivem em comunidades pobres que se utilizam da atividade como complementação de renda (SOUSA, 2012).

O bordado se tornou uma maneira enunciativa de expressão para as mulheres artesãs, assim como tornou-se uma fonte de geração de renda. A prática do bordado é um símbolo que representa a decisão da mulher sobre seu próprio futuro.

Para Fernandes (2012 apud SILVA, 2021), “o bordado agrega valor artístico à utilidade dos tecidos através de desenhos e padrões complexos fazendo a sociedade enxergar ‘a beleza criada por uma agulha e uma linha’”.

Ao levantar o questionamento de que forma o bordado pode influenciar na valorização do artesanato como uma expressão cultural e artística, pode-se perceber como a arte contemporânea se manifesta atualmente utilizando o bordado como uma linguagem em forma de manifestação expressiva. Analisando as técnicas de bordado que são praticadas no território brasileiro compreende-se que os bordados carregam com si histórias de artesãs e artesãos que os desenvolvem. Do mesmo modo, o bordado traz consigo a manifestação expressiva, através dos movimentos, em que as

mulheres utilizam a arte do bordado como porta-voz para suas dores, sentimentos e emoções, além de, utilizar como representação feminina, contestando contra estereótipo de feminilidade que o bordado carrega em sua história.

O bordado contemporâneo expressa-se na oportunidade da independência financeira, profissional e artística, por meio da materialização de discursos para ressignificar a prática. Além de reivindicar seu lugar na história da arte, já que foi posto de lado das conhecidas grandes artes no sistema patriarcal (SILVA, 2021). O bordado contemporâneo representa a luta contra a invisibilidade social.

Desta forma, percebe-se que o bordado se restabelece conforme os estilos e culturas, ainda que não seja muito valorizado, permanece presente na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- A história do bordado. **Heberle**. 20 maio 2018. Disponível em: <http://heberle.com.br/2018/05/16/371/>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- ALVES, Thabata Caroline Ferraz. **Envelhe(Ser) entre linhas e afetos**: uma análise dos saberes-fazeres de mulheres bordadeiras. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá, Minas Gerais, 2021.
- ARAUJO, M. C.; TIGRE, L. A. **Artes Têxteis na história**. In: 2º Congresso Científico Têxtil e Moda. 2014. São Paulo. Disponível em: <https://www.contexmod.net.br/index.php/segundo/article/download/174/86>. Acesso em: 20 set. 2022.
- ARPILLERAS: memória e expressão. 2021. 1 fotografia. 1024x795. Disponível em: <https://www.espacoviveka.com.br/arpilleras-memoria-e-expressao/>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- ASSOCIAÇÃO Mulheres Artesãs de Passira 1 fotografia. 1920x1080 pixels. Disponível em: <https://artisol.org.br/mulheresartesasdepassira>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- BARBOSA, Mariana. **Ponto cruz para iniciantes**. 2015. 1 fotografia. 600x315 pixels. Disponível em: <https://www.revistaartesanato.com.br/wp-content/uploads/2015/12/ponto-cruz.jpg>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- BLANCA, Rosa Maria. El bordado em lo cotidiano y en el arte contemporâneo: ¿prática emergente o tradicional? **Revista Feminismos**, [s.l.], v.2, n.3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30006>. Acesso em: 17 set. 2022.
- BORDADO à máquina. 1 fotografia. 600x450 pixels. Disponível em: <https://www.guiadecursos.net/wp-content/uploads/2016/05/Bordado-a-maquina.jpg>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- BORDADO Labirinto ou Renda Labirinto. **Paraíba Criativa**. 30 set. 2016. 1 fotografia. 440x251 pixels. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/bordado-labirinto-ou-renda-labirinto/>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- BORDADO Madeira. 1 fotografia. 1536x2048 pixels. Disponível em: <https://bordadomadeira.com/galeria-de-fotos/bordado-madeira>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BRANDELERO, Magda. **Bordado Manual Contemporâneo**: Proposta de design para aplicativo Mobile. 2021. Dissertação (Mestrado em Design de Vestuário e Moda) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. **Bordados e Bordadeiras**: Um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CARMO, Tanlin Nishimura. **A influência das técnicas de haute Couture na produção criativa de moda e na agregação de valor ao vestuário**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia de Design de Moda) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Apucarana, 2015.

COMPANHIA de Bordados de Entremontes. 1 fotografia. 1620x1080 pixels. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/bordadosentremontes>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CONTE, D.; HECK, S. I.; SCHEMES, C. **O bordado como morada e local de fala da mulher**: Exposição “Mulheres de Luta”, do projeto Bordado Empoderado. 2019. Disponível em: <https://estudioshistoricos.org/21/eh2109.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

COSTA, Ricardo da; STEIN, Débora Rosa. **Tapeçaria de Bayeux (c. 1070 – 1080)**. [20--]. 1 fotografia. 950x252 pixels. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/imagens/bayeux2/tap11.jpg>. Acesso em: 14 nov. 2022.

COSTUREIRAS de Cooperativa de Bordados batem recorde com vendas de máscara na cidade do Bujari. **Notícias da Hora**. 21 abr. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.noticiasdahora.com.br/cidades/outras-noticias/costureiras-de-cooperativa-de-bordados-batem-recorde-com-vendas-de-mascaras-na-cidade-do-bujari.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CREWEL. 1 fotografia. 800x526 pixels. Disponível em: <https://static.educalingo.com/img/en/800/crewel-embroidery.jpg>. Acesso em: 14 nov. 2022.

DURAND, Jean-Yves. **Bordar**: masculino, feminino. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5480/3/BORDAR.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FARIA, Súsán. **A força dos bordados e da história da Ucrânia**. Diplomacia Business. 3 nov. 2021. 1 fotografia. 1119x1129. Disponível em: <https://www.diplomaciabusiness.com/a-forca-dos-bordados-e-da-historia-da-ucrania-segundo-a-embaixatriz-fabiana-tronenko-2/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FERRARESE, L. C.; REIS, J. E.; ZIERER, A. **As fábulas na Tapeçaria de Bayeux**: inter-relações entre margem e centro na narrativa da conquista da Inglaterra no

século XI. Mirabilia. 2015. Disponível em:  
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5180515.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

FERREIRA, Gabriela. **O bordado como arte e resistência**. Curitiba, PR.

FONSECA, Sylvia Maria da. **De prenda à resistência**: A tradição cultural da arte têxtil como práxis transformadora no Brasil e no México. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais. – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

GASPARIN, Larissa Souza. **Travessia entre linhas**: notas e devaneios sobre bordado, luto e memória. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

GLOSSÁRIO URDUIME, São Paulo, 2021.

HARDANGER, bordado noruego. 20 dez. 2017. 1 fotografia. 360x640 pixels. Disponível em: [http://elblogdedmc.blogspot.com/2017/12/hardanger-bordado-noruego.html?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+EI+Blog+De+Dmc+%28EI+blog+de+DMC%29](http://elblogdedmc.blogspot.com/2017/12/hardanger-bordado-noruego.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+EI+Blog+De+Dmc+%28EI+blog+de+DMC%29). Acesso em: 14 nov. 2022.

HISTÓRIA do bordado. **Blog Sigbol**. 17 set. 2018. Disponível em:  
<https://blogsigbol.wordpress.com/2015/09/17/historia-do-bordado/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

KENDRICK, Helen Winthorpe. **Enciclopédia do bordado**. Tradução Sabrina Gabrich. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora Ltda. 2009.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular**: Duas faces de uma mesma moeda? 2003.

LOPES, Maria Cândida Fernandes. **O bordado como arteterapia**: Percepções e sentimentos – Relato de experiência. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design de Moda) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MERCURI, Isabela. ‘Mascarados de Poconé’ são registrados em livro fotográfico. **Olhar Conceito**. 1 fotografia. 25 abr. 2018. 620x411 pixels. Disponível em:  
<https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=15277&noticia=mascarados-de-pocone-sao-registrados-em-livro-fotografico-lancamento-nesta-quarta>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MOSTRA apresenta a arte das bordadeiras do Seridó potiguar. **Jornal do Brasil**. 11 dez. 2019. 1 fotografia. 627x418 pixels. Disponível em:  
<https://www.jb.com.br/cadernob/2019/12/1020840-mostra-apresenta-a-arte-das-bordadeiras-do-serido-potiguar.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MUCCILOLO, Luana Guerrero. **O bordado como linguagem**: Um estudo sobre a técnica blackwork e as tendências expressivas do bordado no cenário artístico

brasileiro. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

MULHERES tecem a vida nas telas e linhas do bordado filé em Alagoas. **Correio dos Municípios**. 20 set. 2016. 1 fotografia. 1200x800 pixels. Disponível em: <https://www.correiodosmunicipios-al.com.br/2016/09/mulheres-tecem-a-vida-nas-telas-e-linhas-do-bordado-file-em-alagoas/>. Acesso em: 14 set. 2022.

NADAL, Fernanda. **Conheça um pouco da história do bordado Luneville**. 15 ago. 2020. Disponível em: <https://fernandanadal.com.br/wp-content/uploads/2020/09/EbookLuneville.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

NADAL, Fernanda. **Lunéville**. 2020. 1 fotografia. 600x960 pixels. Disponível em: <https://fernandanadal.com.br/wp-content/uploads/2020/08/luneville.png>. Acesso em: 14 nov. 2022.

NASCIMENTO, Naftaly. Dia do bordado: jovem do Piauí aprende a bordar na pandemia e reproduz 'Noite estrelada', de Van Gogh. **G1**. 30 jun. 2021. 1 fotografia. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/07/30/dia-do-bordado-jovem-do-piaui-aprende-a-bordar-na-pandemia-e-reproduz-noite-estrelada-de-van-gogh.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2022.

NIESPODZINSKI, Angela Patricia. **Somos o avesso da história: Bordado e feminismo na arte**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, 2021.

NOVOS Para Nós. **[Sem título]**. 2018. 1 fotografia. 1080x1350 pixels. Disponível em: <https://novosparanos.com.br/post/625650945611743232/ainda-sobre-as-comemora%C3%A7%C3%B5es-da-cavahada-que>. Acesso em: 14 nov. 2022.

PARKER, Rozsika. **The Subversive Stitch: Embroidery and the making of the feminine**. Londres: The Women's Press Ltd, 1996.

PEREIRA, Carolina Nascimento; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. **O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX**. História da Educação, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/101244>. Acesso em: 24 ago. 2022.

QUEIROZ, Karine Gomes. **O tecido encantado: o cotidiano, o trabalho e a materialidade no bordado**. 2011. Tese (Doutoramento em Pós-colonialismos e Cidadania Global) – Centro de Estudos Sociais / Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. 2011.

ROMERO, Gimena. **Breve historia del blackwork**. 2021. 1 fotografia. 600x594 pixels. Disponível em: <https://estudiogimenaromero.com/breve-historia-del-blackwork/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ROSEIRO, Lara. **Femmage e heranças do labor feminino**. 2013. Dissertação (Mestrado em pintura) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

SILVA, Janeclay Alexandre da; SILVA, Maria Cecília Feitosa da. **Mulheres bordadeiras**: práticas e memórias na construção do patrimônio cultural imaterial em Alagoinha-PE. *In*: V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da ANPUH/SE. 2016.

SILVA, L. S. L. L. **Do bordado tradicional ao contemporâneo**: processos de ressignificação. 2021. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade Beira Interior, 2021.

SILVA, M. R. M.B. **O Universo da Bordadeira**: Estudo etnográfico do bordado em Passira. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Bordado e transgressão**: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. *In*: Proa – Revista de Antropologia e Arte. Ano 02, vol.01. 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/download/2375/1777>. Acesso em: 18 out. 2022.

SOUSA, Juliana Padilha de. **Tramas invisíveis**: Bordado e a memória do feminino no processo criativo. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SOUSA, Maisa Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte/educação**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Plásticas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TRANNIN, Mariane Rodrigues. **Design de superfície**: O bordado manual como interferência têxtil. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design de Moda) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2015.

VESTIDO cambraia bordado richelieu. 1 fotografia. 640x960 pixels. Disponível em: <https://www.revistaartesanato.com.br/wp-content/uploads/2018/12/bordado-richelieu-16.jpg>. Acesso em: 14 nov. 2022.

VILLARINHO, Bia. [**Sem título**]. 2009.1 fotografia. 400x247 pixels. Disponível em: [https://rosenbaumdesign.files.wordpress.com/2009/11/f\\_manto.jpg](https://rosenbaumdesign.files.wordpress.com/2009/11/f_manto.jpg). Acesso em: 14 nov. 2022.